



A POLISSEMIA DA LINGUAGEM (RE)FORMULADA EM CONTEXTO DE VESTIBULAR

Hélder Sousa Santos¹

No presente trabalho, apresento considerações gerais acerca do fato polissemia na linguagem, em especial, *da*² linguagem (re)formulada em contexto de vestibular³. Para tanto, oriento-me por nossa hipótese de pesquisa a qual, adiante, — estando filiada ao pensamento da analista de discurso Eni Orlandi (1987, 1988, 1998, 1999, 2004, 2005) — se põe a examinar alguns (e)feitos de polissemia; não exatamente por diferenciações de sentidos, mas por relações instituídas com a paráfrase. Nesse caso, busco suscitar uma problematização-outra para aquilo que a linguista Catherine Fuchs (1982, 1994)⁴ concebe por processos parafrástico e por polissêmico na linguagem.

Ora, em modos como o de Fuchs (idem), que tentam conceber paráfrase e polissemia via conjeturadas simetrias, vemos quão agudos se tornam esses processos linguísticos. Afirmamos ser agudos, pois o que está em jogo ali — claro, se desviarmos nosso olhar para fatos de discurso — não é simplesmente uma constatação (ou não) de elementos (palavras, frases, enunciados) de um texto “X” em “Y”, mas, ao contrário, um funcionamento. Em matéria de funcionamento, afirmam os estudos de AD francesa — nosso crivo teórico — ser “*uma atividade estruturante de um discurso determinado, por um falante determinado, para um interlocutor determinado, com finalidades específicas*” (ORLANDI, 1987, p. 61)⁵. Noutras palavras, o funcionamento discursivo é justamente aquilo que tem a ver com as condições de produção de discursos, com aquilo que faz um texto funcionar, os processos discursivos da paráfrase e da polissemia, por excelência. Tal funcionamento,

¹ Doutorando do programa de pós-graduação da Universidade Federal de Uberlândia e professor de Língua Portuguesa do Colégio Marista de Patos de Minas (MG) e da Faculdade do Noroeste de Minas (FINOM).

² Essa ênfase nos aponta para uma análise da polissemia em termos de dinamismos de significação.

³ Para perscrutar fatos de polissemia *da linguagem* (re)formulada em contexto de vestibular, contamos, semelhante em SANTOS (2013), com auxílio de trabalhos de dois corretores de redação (os corretores A e B). Esses corretores, a pedido nosso, avaliaram a redação adiante aduzida, de sorte a indicar ali gestos de paráfrase para enunciados de um texto motivador que compôs uma prova de redação de vestibular. Aqui, cumpre lembrar que, no Brasil, para fins avaliativos, muitos vestibulares têm exigido de alunos vestibulandos a produção de paráfrases em redações.

⁴ Sumariamente, esclareço ao leitor que, sob perspectiva fuchsiana, a constatação de uma paráfrase linguística poderá se dar quando elementos de um texto “inicial” “X” mantiverem-se num texto “Y” (re)formulado; o oposto disso (“Y” em “X”) Fuchs toma como não-paráfrase (a polissemia).

⁵ Os itálicos são da autora.

em diferentes mo(vi)mentos, conduz-nos à percepção de fatos da cristalização de tipos⁶ discursivos (Cf., ORLANDI, ib.).

Tocados, com efeito, por aspectos teórico-metodológicos dessa atividade que estrutura discursos, o seu funcionamento, surgiu-nos a possibilidade de perscrutar o assunto polissemia — que para nós nada tem a ver com uma “*propriedade do signo linguístico*”⁷ que possui vários sentidos” (DUBOIS, 1998, p. 471), mas com uma (in)tenso batimento instituído com a paráfrase — naquilo que está implicado à sua própria constituição, a saber, prováveis fatos de memória discursiva. Aqui, cumpre lembrar que, discursivamente, uma memória de discursos não é uma matéria orgânica/individual, mas um saber construído pelos (e para) homens (ele é parte do dizer) ao significarem-se.

Em se tratando do fato memória discursiva, sobre a qual, abaixo, nossa análise se volta, sobretudo ao descrever e interpretar relações de sentidos efetivadas entre dois textos, um texto motivador (TM) presente em uma prova de redação de vestibular e uma redação (M1) produzida por um aluno vestibulando em momento de vestibular, temos para nós que ele pode ser deslocado de diferentes modos por sujeitos de linguagem. Isso é tão verdadeiro que um corretor de redação de vestibular — tocado por (“suas”) redes de memória discursiva — poderá reconhecer os “mesmos” sentidos de enunciados do TM em M1 e outro não. É disso, sem delongas que passamos a falar!

Sendo assim, como bem assegura E. Orlandi (1999, p. 32), admitir que “(...) há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso” (ORLANDI, 1999, p.32). De fato, não há porque discordar disso: um “já-dito” tem estatuto no próprio ato de instituir o dizer. É preciso, sim, que um já existir de sentidos seja (re)conhecido por sujeitos de linguagem, a fim de que disso decorra um projeto de sentidos. Neste ponto, relembramos rapidamente essa questão aqui, pois todos os posicionamentos adiante construídos partem de localizações *intradiscursivas* de “já-ditos” representados na materialidade discursivas (1)⁸.

Vejamos, então, a materialidade (1):

M1: Programar ou educar?

(X) Soluções rápidas para problemas antigos. Esta é uma das funções das tecnologias que são criadas e dos estudos dos cientistas. Mas até que ponto podemos usar destes artifícios?

Neste mundo moderno onde o avanço tecnológico cresce a cada dia, temos uma grande preocupação, a violência. Esta também vem crescendo muito desde os últimos tempos, mas não é boa e ainda não vemos uma solução para acabar com ela. E na preocupação de tentar exterminar este problema chegamos a seguinte questão: por que não usar a tecnologia a nosso favor?

⁶ No tocante a isso, Orlandi (1987) propõe uma tipologia de discursos, a saber, dos discursos “autoritário” (aquele que tenta conter totalmente a polissemia na linguagem), “polêmico” (aquele que joga com a paráfrase e com a polissemia, ao mesmo tempo) e o “lúdico” (aquele que se abre totalmente para a polissemia).

⁷ Os itálicos são do autor.

⁸ Cumpre destacar que M1 está reproduzida neste trabalho com idênticas ortografias de seu *scriptor*. Ademais, M1 traz os mesmos grifos que os corretores de redação ali fizeram ao (de)marcarem (ou não) gestos de paráfrases.

(Y) Estudos para se encontrar um jeito de interferir no cérebro de criminosos e modifica-los vem sendo apresentados, o que pode não ser tão bom assim.

É certo que nossas vidas ficaram mais práticas com todas nossas (Z) invenções, mas também estamos vendo aos poucos a perda da subjetividade de cada um. Estamos nos tornando muito mecanizados.

Usar a tecnologia para mudar a mente de bandidos, alterar o comportamento destes, pode funcionar, mas teríamos assim não um progresso, e sim uma transgressão.

(W) Devemos arrumar um jeito de deter a criminalidade que faça não só com que esta acabe, mas também com que as relações humanas se tornem mais calorosas, pois estas com a mecanização do homem estão ficando cada dia mais frias.

Os governos deveriam investir em políticas de educação dos criminosos que cumprem pena e em campanhas de conscientização. Investir na educação escolar de jovens e adolescentes principalmente de comunidades carentes também poderia ser de grande utilidade.

Programar robôs, sem sentimentos, vontade e donos das suas próprias escolhas não é a solução. Temos que reeducar e educar seres humanos, que sejam capazes de fazer escolhas certas e viver em paz numa sociedade sem que para isso precisem de uma “ração especial” ou um chip.

No que tange à nossa leitura da M1, gostaríamos, inicialmente, de explicar ao leitor que os enunciados nela sublinhados (X, Y, Z e W) correspondem a espaços discursivos constituídos a partir reformulações de discursos. Neste caso, trata-se de reformulações que, por meio da leitura e interpretação de enunciados do TM⁹ exposto em uma prova de redação de vestibular, o *scriptor*¹⁰ produziu. Acerca desses enunciados, então, consideramos sê-los o alvo desta análise, a qual se concentra na possibilidade de compreender aspectos implicados a pontos de seu funcionamento discursivo.

Assim sendo, iniciamos nossa análise pelo que diz o enunciado X: “Soluções rápidas para problemas antigos” [1º§ da M1]. Este enunciado, que se relaciona a uma enunciação parcialmente conhecida por nós — a uma memória constituída no campo de ciências da era moderna, possivelmente no campo da informática —, foi acionado à M1 pela interpretação que o *scriptor* realizou do enunciado seguinte do TM: “O estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes nas últimas duas décadas, com o surgimento de tecnologias que permitem observar o que acontece durante atividades como o raciocínio, a avaliação moral e o planejamento”; interpretação que, na M1, funciona como um meio de o *scriptor* aí *deslocar e confrontar-contrastar* uma posição historicamente já assumida por estudiosos (Cf., TM), mas que, no momento atual, levanta a dúvida: “Mas até que ponto podemos usar destes artifícios?”(questiona o *scriptor* na M1).

Esse deslocamento e confronto de informações que o *scriptor* realizou na M1, a partir de sua leitura- interpretação de enunciados do TM, demonstra para nós um *movimento subjetivo* (MS) ante o dizer

⁹ Quanto a esse texto, confira-o em SANTOS (2013, p. 156-159) ou em: <<http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/21571/1/Par%C3%A1fraseVestibularPr%C3%A1tica.pdf>>.

¹⁰ Conceito tomado de Calil (2008), relativo à possibilidade de que um virtual sujeito de linguagem, ao mesmo tempo, poder ocupar a posição de leitor e escrevente de seus textos.

do outro. Quanto a isto, é oportuno destacarmos que outros efeitos de sentido diferentes daqueles que o TM parece relacionar são aí colocados em causa. Assim, enquanto no TM observa-se um constatar de “resultados” e de “desejosos avanços” que, após duas décadas de elucubrações, foram vencidos e apurados por pesquisadores do cérebro humano, observa-se, na M1, um gesto do *scriptor* em (de)marcar uma posição sua; posição que, parcialmente, será assumida em seus parágrafos seguintes. Neste caso, o *scriptor* levanta o questionamento seguinte: “soluções rápidas” dizem de um progresso ou de uma transgressão? (5º§); questionamento que será respondido no final da M1 e relacionado com outra posição aí assumida, a de que é preciso apelar para outras formas de deter criminosos, por exemplo, para a reeducação desses.

No que respeita o enunciado Y, também destacado na M1, consideramos que há aí outros sentidos (re)formulados pelo *scriptor* a partir de gestos de interpretação que efetivou de informações “dadas” no TM. Esses sentidos, que podem ser “observados” na própria linearidade intradiscursiva da M1 (3º§), permitem-nos aqui dizê-los como sendo efeito da pergunta que o parágrafo precedente desenvolve: (...) por que não usar a tecnologia a nosso favor? Em vista disso, consideramos ser Y um enunciado operador de um novo MS, no caso, um MS do *scriptor*, cujo funcionamento respalda-se em operações de uma “leitura-trituração” (PÊCHEUX, 1981, p.16) realizada por ele a partir de gestos de *recortar* e *deslocar* informações do TM. Em Y, com efeito, realizou-se uma mexida na rede de sentidos. Isto se deu pela via de inversões sintáticas de alguns sintagmas componentes do enunciado “Pesquisas que visam a estudar e modificar o comportamento de delinquentes e psicopatas podem ser apresentadas à sociedade como uma solução ao problema da criminalidade” (3º§ do TM); inversões que relacionam outros efeitos de sentido para o que se pode ler do TM (neste é dito sobre pesquisas que “podem ser apresentadas” e não exatamente sobre um juízo “já” posto em prática, como na M1/3º§).

Acerca do enunciado Z, por sua vez, examinamos aí outro MS do *scriptor*, o qual é procedente do ato de, genericamente e diversamente, buscar *extrair* informações do TM — informações que, na M1, nos permitem conjecturar outros efeitos de sentidos para enunciados do TM. Dessa forma, do TM, podemos presumir esclarecimentos sobre pesquisas científicas ocupadas em conhecer o cérebro humano, ao passo que, na M1, pouco disso conseguimos, dado que outras elucidações são aí feitas, a exemplo, elucidações acerca de ações de cientistas ocupados em interferir no cérebro humano de pessoas delinquentes e consequências disso tais como “(...) perda da subjetividade de cada um” de nós, podendo torná-los “muito mais mecanizados”. Também, o MS que Z apresenta na M1 permite-nos aí observar alguma tentativa do *scriptor* em provocar um contraste com informações do parágrafo que o precede (3º§); informações essas que versam sobre a negativa do *scriptor* ante a tecnologias que venham a interferir no cérebro humano, sobretudo com intuito de corrigir o comportamento de pessoas delinquentes e de resolver problemas de criminalidade.

Enfim, no que concerne ao último dos enunciados destacados na M1, o enunciado W, assinalamos que os MS do *scriptor* (face o dizer do outro) se realizam aí sob três



ordens/funcionamentos, sob ordens do *recortar*, *deslocar* e *confrontar* informações “assumidas” pelo TM. Esses funcionamentos, os quais têm caráter relacional, podem ser assim destacados, se levarmos em conta o que os parágrafos que precedem o enunciado W enredam. Assim, há que se sublinhar que o *scriptor* recorreu, possivelmente, ao “mesmo” dizer que o permitiu (re)formular o enunciado Y. Isto deve ter se dado, porque, em Y, o *scriptor* se refere a estudos que interferem no cérebro de criminosos, com objetivo de negá-los. Haveria outro jeito de resolver o problema da criminalidade, sem termos que partir para ação assim — explica-nos, brevemente, no 3º§ da M1, o *scriptor*. Porém, é preciso destacar que W, ao retomar Y, direciona-o para outra argumentação; argumentação que, elucidando outra maneira de refrear gestos de criminosos, apresenta-nos um confronto de informações (estas o TM não aduz) focadas na ideia de uma suposta ascensão dos engenhos humanos e em um de seus efeitos: relações humanas “cada dia mais frias” (6º§ da M1).

Em vista desses quatro MS que esta sucinta análise descreve e interpreta, gostaríamos de dar relevo ao fato de que aspectos condizentes a um saber histórico formulado no TM (e, certamente, em outros textos para os quais este aponta) — aspectos a que o *scriptor* da M1 se assujeitou — ganharam consistência de efeitos de memória discursiva (ou de interdiscurso) no interior de cadeias de sentidos que foram (re)produzidos na M1.

Para encerrar — ante a esses rápidos posicionamentos construídos a fim de explicar fatos do funcionamento da M1 —, é oportuno, como em Pêcheux (1990, p. 53), asseverar que “todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação”. Em sendo assim, temos — para nós — que as (re)formulações produzidas pelo vestibulando na M1 denotam, ao mesmo tempo, efeitos de Um e de Não-Um de sentidos “localizados” por corretores de redação de vestibular, e não apenas aquilo que ali se esperaria ocorrer, a paráfrase.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALIL, E. *Escutar o invisível: escritura e poesia na sala de aula*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2008.
- COPEV. *Arquivo de prova*. Dez 2008. Disponível em: <<http://www.ingresso.ufu.br>>. Acesso em: 20.02.2013.
- DUBOIS, J. et al. *Dicionário de linguística*. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.
- FUCHS, C. *La paraphrase*. Paris: Press Universitaires de France, 1982.
- _____. *Paraphrase et énonciation*. Paris: Ophrys, 1994.
- ORLANDI, E. *A linguagem e seu funcionamento*. As formas de discurso. Campinas: Pontes, 1987.
- _____. *A leitura e os leitores*. Campinas, SP: Pontes, 1988.
- _____. Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico. Rua – Revista do núcleo de desenvolvimento da criatividade da Unicamp NUDECRI. Campinas: UNICAMP, n. 4, 1998, p. 9-19.
- _____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, Pontes, 1999.
- _____. *Interpretação: autoria, leitura, efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 2004.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
VI SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO
1983 - 2013 – Michel Pêcheux: 30 anos de uma presença
Porto Alegre, de 15 a 18 de outubro de 2013

_____. *Discurso e Texto*: formulação e circulação dos sentidos. São Paulo: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, M. *O discurso*: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Orlandi. São Paulo: Pontes, 1990.

_____. *Matérialités Discursives*. Colloque des 24, 25, 26 avril 1980. Université Paris X – Nanterre. Lille, Presses Universitaires, 1981.

SANTOS, H. S. *Enunciação e paráfrase*: gestos de reformulação do dizer. Curitiba: Appris, 2013.